

A FUNÇÃO DISCURSIVA DAS CONSTRUÇÕES X-(Z) INHO EM COMÉDIAS DA VIDA PRIVADA, DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Bruno Silva Lopes¹

RESUMO

Neste trabalho², analisamos os valores estilístico-discursivos do sufixo(z)inho nas crônicas do livro *Comédias da Vida Privada*, de Luis Fernando Veríssimo. Busca-se, para sustentar as análises, uma intersecção entre a função discursiva da formação de palavras (Basilio, 2003; Sandmann, 1997) e a estilística da palavra (Lapa, 1982; Câmara Jr., 1978), uma vez que tais abordagens põem em evidência o importante papel da formação de palavras para o contexto sociocomunicativo, sugerindo que alguns elementos morfológicos são relevantes pragmaticamente.

ABSTRACT

In this paper we examine the pragmatic values of the suffix -(z)inho in the book of chronicles *Comédias da Vida Privada*, by Luis Fernando Verissimo. We propose, to support the analysis, an intersection between the discursive function of word formation (Basilio, 2003; Sandmann, 1997) and Stylistic proposed by Lapa (1982) and Mattoso Câmara Jr. (1978), because these approaches highlight the important role of word formation to the social communicative context, suggesting that some morphological elements are pragmatically relevant.

1- Mestre em Língua Portuguesa pela UERJ, professor do Centro de Ensino Superior de Valença e do Colégio Estadual Theodorico Fonseca.

2- Este texto é uma versão reduzida e minimamente alterada de nossa monografia de pós-graduação, apresentada na Universidade Severino Sombra, em 2006, como exigência parcial para finalização do curso.

INTRODUÇÃO

A língua é um bem coletivo, e a interação social, sua principal razão de ser. Azeredo (2008, p. 52).

De acordo com Gonçalves (2005), as teorias morfológicas de base discursiva vêm ganhando destaque no âmbito dos estudos linguísticos. Já com certa frequência, vemos estudos que abordam os processos morfológicos na interface com a Semântica e com a Pragmática, a exemplo de Piza (2001) e de Vazquez (2008). Em outros termos, vem-se verificando que processos como a derivação, objeto desta pesquisa, guardam estreita vinculação com o discurso, servindo, por exemplo, de sinalização das intenções dos falantes em situações de interlocução. Essa proposição é fundamental, visto que foca a presença ativa do homem na criação/construção de sua própria língua, além de ser necessária também porque amplia a visão proposta pela gramaticologia portuguesa acerca dos processos de formação de palavras, que, na visão de Sandmann (1988), ainda se mostra superficial.

Nessa linha semântico-estilístico-pragmática, situa-se este trabalho. Pretende-se aqui analisar o sufixo-(z)inho na sua estreita ligação com o discurso. Dessa maneira, procuraremos demonstrar seus significados, assim como os efeitos expressivos e contextuais operados por ele em situações sociocomunicativas. Para tanto, elegemos como *corpus* o livro **Comédias da Vida Privada**, de Luis Fernando Veríssimo, em virtude de ele ter se mostrado adequado à pesquisa, já que, além de apresentar inúmeros de traços de língua oral, apresenta também diversas situações de uso do diminutivo nas conversas informais protagonizadas pelos personagens criados por Verissimo. A nosso ver, tais situações interlocutórias, a despeito de estarem no plano ficcional, representam bastante fielmente alguns usos de -(z)inho observáveis no português falado no Brasil. Assim, pesquisamos as ocorrências do morfe em questão nas 101 crônicas que compõem o livro, procurando identificar-lhe o(s) sentido(s), em sua relação com o discurso, em cada ocorrência.

Este trabalho se divide da seguinte maneira:

Na seção 01, conceituaremos o processo derivacional, procurando pôr em foco sua contribuição ao enriquecimento lexical da língua portuguesa. Nesta parte do trabalho, proporemos uma intersecção entre a função discursiva da formação de

palavras (Basilio, 2003 Sandmann, 1997) e a estilística da palavra (Lapa, 1982; Câmara Jr., 1978), sugerindo que essa abordagem (morfopragmática ou morfoestilística) é adequada às nossas análises, uma vez que evidencia que a atualização do morfe pesquisado frequentemente obedece a fatores de ordem pragmática. Ainda nesta seção, destacaremos o valor expressivo dos sufixos do português, com especial enfoque nas construções X-(z)inho.

Na seção 02, faremos a análise³ das ocorrências encontradas no *corpus*. Neste percurso analítico, demonstraremos os significados das construções, bem como seus valores estilístico-pragmáticos, enfatizando que sua força significativa total só pode ser depreendida se se levarem em consideração fatores como: (1) o nível de envolvimento entre o falante e o ouvinte; (2) os propósitos comunicativos do emissor frente à audiência; (3) o grau de formalidade do discurso (Gonçalves, 2005).

Fundamentação teórica

O processo derivacional: conceito e importância

Concebido como um sistema aberto e em permanente expansão, o léxico dispõe de mecanismos, constantes das estruturas das línguas, que viabilizam o processo de *reciclagem* de suas unidades quando isso se faz necessário no intercâmbio comunicacional. Nesse sentido, vale registrar, aqui, as palavras de Basílio (2004, p. 09), segundo a qual:

O léxico (...) não é apenas um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas na sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também aquisição de palavras novas por parte de cada falante.

3- Nesta pesquisa, priorizaremos os significados não listados pelas gramáticas normativas pesquisadas (cf. Bechara, 2004; Rocha Lima, 1998; Sacconi, 2001 e Terra, 2002). Portanto, significados como “pejoratividade”, “afetividade” e “dimensão” – normalmente citados nos compêndios gramaticais – não serão nosso foco, embora possam ser mencionados quando contribuirão decisivamente para os efeitos de sentidos almejados nas interlocuções. Vale dizer, ademais, que, por se tratar de um trabalho de menores proporções, a análise será apenas ilustrativa.

No âmbito da renovação lexical em português, destaca-se o processo derivacional por sufixação. Nesse processo, os sufixos, elementos presos e recorrentes, são pospostos às bases, de modo que se extraíam novas estruturas léxicas. Destarte, criações lexicais recentes como *cubanização* (*cubanizar** + *-ção*), *talibanização* (*talibanizar** + *-ção*), *cocaleiro* (*coca* + (*l*) *-eiro*), *palanqueira* (*palanque* + *-eiro*)⁴, entre outras, ilustram tal operação morfológica e representam a concretização das possibilidades de arranjo disponíveis no eixo sintagmático da língua. Essa *motivação interna*, para usar uma expressão de Guiraud (1986), é imprescindível à continuidade e revitalização do léxico português.

Portanto, numa perspectiva morfológica, vai nos interessar a combinação morfemática em que um sufixo se adjungirá a uma base, resultando dessa combinação um produto derivado. Esquematizando, temos:

[[BASE] SUFIXO] X

Releva observar que essa atividade combinatória será manifesta quando o falante sinta que isso terá relevância para a comunicação, quer no campo da simples transmissão de ideias, quer no campo estilístico-pragmático. Assumimos, pois, que a morfologia serve à exploração estilístico-discursiva (cf. Martins, 2000) e, mais que isso, desempenha importante papel expressivo nas relações sociointeracionais, como se verá mais adiante.

Ponto de intersecção entre a função discursiva e a estilística da palavra

A formação de palavras, como dissemos, representa a revitalização necessária do léxico de uma língua. Em linhas gerais, pode-se dizer que as motivações para se formarem palavras novas são de três naturezas (Basilio, 2003; Sandmann, 1997): semântica (nomeação de novas realidades), sintática (adequação de itens lexicais a outras realidades combinatórias) e discursiva (manifestação de

4- Palavras extraídas do corpus que usamos em nossa dissertação (Lopes, 2011). Ele se compõe de textos de natureza política, veiculados pela mídia impressa nacional. As palavras-base que estão com asteriscos representam bases potenciais, ou seja, bases que não existiam concretamente na língua, porém foram ativadas tendo-se em conta a competência lexical do falante. Para mais detalhes, veja-se Basilio (1980).

atitudes subjetivas dos falantes). Neste trabalho, interessa-nos, sobretudo, a última função mencionada, ou seja, a responsável pela manifestação da subjetividade do falante. Não obstante, é importante esclarecer que direta ou indiretamente estaremos fazendo menção também à função semântica, praticamente indissociável da função discursiva, uma vez que a expressão da subjetividade passa necessariamente pelo significado das formas linguísticas.

A função discursiva vincula-se, sobretudo, às expressões de atitudes subjetivas do falante. Ao falarmos em *atitudes subjetivas*, queremos acentuar a presença do homem no fazer e refazer de sua língua; queremos dizer que, por meio dela, ele externa seus pontos de vista: aprecia, desaprecia, despreza, ironiza, enfim, descortina suas impressões acerca de algo ou de alguém. A título de ilustração, podemos citar o sufixo-ice que, no português moderno, comporta frequentemente um traço pejorativo e quase nisso se resume: *carioquice*, *dondoquice*, *mineirice* etc. Tal elemento agrega às bases uma noção de reprovação do locutor, relativa à maneira de ser/proceder do objeto da enunciação.

Em sua exposição sobre a estilística portuguesa, Câmara Jr. (1978) já afirmara que, ao lado de um sistema de fundo intelectual, cuja função precípua é a da representatividade, a língua possui uma contraparte expressiva. Para o autor, a língua é também “um meio precípua de exteriorização psíquica, de manifestação espontânea de estados d'alma.” (Câmara Jr., 1978, p. 10).

Filiando-se à estilística de Charles Bally⁵, Mattoso demonstra que a expressividade é manifesta pelos recursos fornecidos pela língua. Seguindo o autor, fonemas, morfemas, palavras, combinações sintagmáticas são fontes inesgotáveis de expressividade. Assim também pensa Cressot (1980, p.13):

A comunicação pode ser objetiva, puramente intelectual, limitando-se a verificar a existência de um facto. Frequentemente, porém, acrescenta-se-lhe uma intenção, um desejo de impressionar o destinatário. Exploramos mais ou menos inconscientemente, o matiz qualitativo e quantitativo associado a determinado vocabulário, a determinada construção de frase e, do enunciado oral, a determinada articulação e entoação que, isoladamente ou em conjunto, visam provocar essa adesão.

E segue dizendo que:

5- A estilística ballyana pode ser resumida pelas palavras de Pierre Guiraud (1970, p. 139): “A estilística de Bally estuda a forma gramatical da expressão, o valor estilístico dos sons, das palavras, das figuras e das estruturas sintáticas.” Destarte, compete ao analista fazer o levantamento e a análise dos recursos linguístico-expressivos capazes de servir à exteriorização psíquica e ao apelo.

Perante o material de que o sistema geral da língua dispõe, operamos uma escolha, a partir não só da consciência que possuímos desse sistema como a que atribuímos ao destinatário do enunciado. O facto estilístico é, pois, tanto de ordem linguística como psicológica e social: é necessário que sejamos compreendidos. (Cressot, 1980, p. 13)

De fato, a abordagem proposta por Câmara Jr. (1978) se afina com o que se chama na literatura morfológica de função discursiva dos processos de formação de palavras. Ambas as correntes veem na língua um veículo de manifestação de subjetividade; ambas consideram que, para além de um sistema de fundo intelectual, a língua também é um sistema que viabiliza a exteriorização dos mais variados estados d'alma. Por outras palavras, utilizamos o material que nos é disponibilizado pelo sistema linguístico com vistas a suggestionar, emocionar, persuadir e despertar a sensibilidade do interlocutor.

Dentre os recursos linguísticos disponíveis ao propósito estilístico-pragmático, destacam-se os sufixos como vigorosos elementos de expressividade (Câmara Jr., 1978). Nesta perspectiva, cremos ser possível falar em uma abordagem morfopragmática (Kiefer apud Gonçalves, 2005) ou morfoestilística. É o que se proporá neste trabalho.

Na próxima seção, abordaremos os formantes sufixais, tencionando destacá-lhes as potencialidades expressivas.

O Valor Expressivo dos Sufixos e a (hiper)expressividade das construções X-(z)inho

Na formação de palavras, o sufixo aparece como importante formante de novas palavras. Tem por função agregar à base uma noção acessória ou mudar-lhe a classe gramatical (Monteiro, 2002). Relewa insistir que as formações não atendem somente a uma exigência semântica (nomeação) ou sintática (mudança de classe). Não raro, os elementos sufixais transferem às bases noções subjetivas, que descortinam as impressões de quem fala ou escreve.

Lapa (1982, p. 77) já destacara os sufixos como vigorosos recursos de expressão.

São palavras do autor:

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam nossa alma se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns sufixos.

Por sua vez, Câmara Jr. (1978, p. 61) compartilha da mesma opinião ao afirmar que alguns sufixos “(...) se destacam em nosso espírito [...] como poderosos centros de carga afetiva, e o seu conteúdo é quase que só nisso se resume”.

Com efeito, o sufixo *-(z)inho* é um dos que guarda mais expressividade no âmbito da língua portuguesa do Brasil.⁶ Desse modo, no uso das formações diminutivas, prepondera a função emotiva (psicológica) sobre a função lógica, a saber, a idéia de pequenez (Monteiro, 1991). Nesse sentido, à significação de “pequenez” sobrepõem-se outros matizes significativos.

Cunha (1975) aponta que o emprego dos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve utiliza-se de um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável. Por outras palavras, muita vez o diminutivo, longe de indicar somente pequenez, sinaliza juízos de valor dos falantes acerca de algo ou alguém, desvelando estratégias comunicativas empregadas pelos falantes nos contextos de interação verbal.

Por sua vez, Gonçalves (2005, p. 47), reforçando as ideias acima expostas, mostra-nos que, a partir da afixação:

(...) O emissor pode externar seu ponto de vista através de determinadas marcas morfológicas, o que significa afirmar que o significado dos afixos pode se alterar pragmaticamente (em função do contexto ou da interação linguística.)

Vemos, pois, que o tratamento das construções *X-(z)inho* deve ultrapassar o plano lógico e se instalar no plano da expressividade, no plano estilístico. Em razão disso, Gonçalves (2005, p. 50) salienta que os afixos de grau apresentam “função atitudinal” e, por isso, tendem a atuar na interface morfologia-pragmática. Desse modo, as construções que ora analisamos têm melhor acolhida numa abordagem que ponha em relevo sua função expressiva.

6- Consideramos pertinente essa distinção, porque nosso corpus de crônicas guarda características da língua informal utilizada no Brasil.

Ilustremos. Em uma das crônicas presentes no *corpus* de que nos valem para esta pesquisa (Maridinho e Mulherzinha), o narrador ironiza o comportamento de um personagem, acentuando a falta de atitude ou submissão dele ante sua mulher. A expressão da ironia na crônica é ancorada nas formações diminutivas, as quais parecem não indicar ternura, ou carinho, uso também constante das formações diminutivas em situações de grande proximidade entre os interlocutores. Pelo contrário, sugerem depreciação do ser expresso pela base em função de sua passividade. Eis uma passagem:

(a “— Ela me adora – diz o Maridinho faceiro – agora mesmo me vestiu, me penteou e me deixou sair para dar uma volta.
— É sua mulher que veste você?
— É. Depois de me dar banho.” (p. 114)

A crônica segue fazendo troça com o Maridinho. A seguir, recuperamos pelo contexto a comparação do personagem com aquele que talvez seja o animal mais domesticado e obediente que temos em nossa sociedade: o cão. Vejamos:

(b) “—Ela [a mulher do maridinho] não quer que você fique na rua à noite?
— Não.
O Maridinho aproxima-se do outro para cochichar. Diz:
— Você sabe que maridinho solto na rua depois que escurece carrocinha pega?
— A carrocinha?
— Tem uma carrocinha que pega maridinho solto e leva para fazer sabão. Minha mulher me contou.
— Sua mulher lhe contou...” (p. 114-115)

Como vemos, a construção X-(z)inho deve sempre ser analisada em relação a um contexto, uma vez que é condicionada por fatores sociointeracionais, como: (a) o nível de interação entre falante e ouvinte; (b) os propósitos comunicativos do emissor frente à audiência; (c) o grau de formalidade do discurso. Assim, cremos ser razoável ponderar que determinados afixos derivacionais são relevantes pragmaticamente, uma vez que também servem como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do sujeito frente à audiência, marcam um ponto de vista do emissor a respeito de algo ou alguém, além de orientar o ato discursivo no sentido de determinadas conclusões.

Análise dos dados

Do corpus

A fim de pesquisarmos as diferentes acepções do sufixo *-(z)inho*, assim como sua importância para o contexto sociocomunicativo, escolhemos como *corpus* o livro **Comédias da Vida Privada**, de Luis Fernando Veríssimo⁷. Tal material mostrou-se um profícuo terreno para a pesquisa que ora fazemos, em decorrência de serem as crônicas do autor imbuídas de traços de informalidade, o que propicia a atualização do morfe pesquisado, porquanto geralmente está ele vinculado a situações também informais de comunicação; a situações que marcam, por exemplo, uma proximidade maior entre os interlocutores. Importa observar, ademais, que os diálogos das crônicas dimensionam razoavelmente situações reais de comunicação, fornecendo-nos indícios dos usos estilístico-pragmáticos das construções em causa.

Rastreamos, então, nas 101 crônicas presentes no livro, as ocorrências do afixo em questão. O que se segue é apenas uma amostra dos dados que encontramos na pesquisa, que é de natureza qualitativa, não tendo, portanto, qualquer compromisso com a quantificação dos dados. Embora as amostras não sejam exaustivas, propõem elas reflexões acerca da utilização do afixo analisado em situações interlocutórias, sugerindo que as crônicas podem ser um importante gênero textual a ser explorado em sala de aula, com vistas a fomentar discussões sobre sua utilização de *-(z)inho* no português do Brasil.

Algumas ocorrências

Os vocábulos *menininhas* e *coitadinha*

Começemos nossa análise com estes excertos:

(01) “– Moço está você seu filho da mãe. Uma pinta, não é Lurdes? Eu estou acabado. Minha filha mais velha fez dezessete anos. Veja você e já saiu de casa. Você casou, Parra?”

☐ Só duas ou três vezes.

☐ Grande safado. Lembra das *menininhas*. Nenhuma resistia a sua conversa. Sabe como chamavam o Parra na turma, Lurdes? Delamare, o rei dos nenéns.” (Reencontro, p. 210)

(02) –Essa aí é a pior – diz o pai, num sussurro dramático. –Essa baixinha! É um terror!

7- Sugere-se que as crônicas sejam lidas na íntegra a fim de melhor captar as peculiaridades pragmáticas das construções analisadas.

–Coitadinha. É a Cândida.
Cândida?! É uma terrorista! (Festa de Criança, p. 223)

Diferentemente da simples ideia de redução, comum aos afixos diminutivos, os vocábulos grifados representam a fragilidade do objeto expresso pela base frente à situação em que se encontra. No exemplo (01), nota-se a intenção do falante em salientar a fragilidade e ingenuidade das meninas, provavelmente mais jovens, que eram paqueradas por Parra. Note-se ainda que o locutor, ao usar o diminutivo, visa a dar um tom de galhofa e reforçar a figura de Parra como autêntico ‘predador’, ao passo que às ‘menininhas’ cabe o papel de vítima.

Por sua vez, em (02) temos o diálogo entre marido e mulher, os quais organizaram uma festa de aniversário para o filho. Ao perceber o visível incômodo de seu marido por causa do comportamento de uma criança convidada (Cândida), a mulher usa o diminutivo no intuito de reforçar a ingenuidade/inocência da criança – provavelmente com o auxílio da entonação – de modo que seu marido passe a enxergar Cândida com outros olhos ou, ao menos, diminua as impressões negativas sobre ela.

Ainda com relação ao exemplo (02), cumpre ressaltar que, com a adjunção de-(z)inho, há o reforço dessa ingenuidade/inocência. Somado a uma forte carga de afeto, o diminutivo, juntamente com outras escolhas linguísticas, ganha nesse contexto um componente persuasivo; trata-se de um recurso de que o falante se vale para atenuar impressões e, a partir daí, provocar adesão de seu interlocutor.

Os vocábulos pornozinho e joguinho

(03) “O Paulo e a Dé tinham convidado a Lana e o Antônio para jantarem na casa e depois assistirem ao que o Paulo chamara de “um **pornozinho**” no videocassete.” (Mike Maguí, p. 93)

(04) “Angélica entra na cozinha com uma sobremesa monumental. Mesmo contra a vontade, Manoel não pode deixar de salivar.
–Não esqueça o nosso **joguinho** de hoje à noite, seu Manoel – diz Angélica alegremente.” (Angélica, p. 239)

Analogamente ao exemplo (2), o diminutivo é atualizado com função eufemística nessas situações. Reparemos, porém, nas significações das palavras-base. Ambos os vocábulos são vistos na sociedade como tabus, sendo, no mais das vezes, negativamente marcados. Então, os falantes os utilizam no diminutivo a fim

de atenuar o impacto que essas palavras têm sobre os seus interlocutores. Em (03), um casal um pouco mais liberal convida um outro casal de amigos para assistir a um filme pornô. Porque a situação é bastante delicada, Paulo se vale da atenuação pelo diminutivo para fazer crer que se trata de algo normal, simplório até. Já em (04), Angélica, empregada da casa, que sempre jogava damas a dinheiro com Manoel, seu patrão, e ganhava, vale-se da construção diminutiva com vistas a abrandar o possível impacto negativo do jogo em Manoel.

Os vocábulos Jantarzinho, cafezinho e chopinho

(05) “Quero oferecer um jantarzinho pra vocês, meu bem. Meu marido, de tanto me ouvir falar em vocês, está louco para conhecer o João Augusto.” (Escalões, p. 132)

(06) “–Não preocupa essa cabecinha linda com essas coisas. Vai fazer um cafezinho pra gente, vai.” (O Maridinho e a Mulherzinha, p. 115)

(07) “– Calma. Você está transtornado. Vamos tomar um chopinho.
– Não! Não posso. Jurei que não botaria mais nem uma gota de álcool na boca.
– Mas um chopinho...
– Está bem. Um. Em honra da nossa amizade recuperada. (As Festas, p. 163)

Neste bloco de vocábulos, é curioso observar que a idéia denotativa de dimensão, manifesta normalmente pelo afixo diminutivo, não se aplica a nenhum dos exemplos. O acréscimo do afixo nesses casos nos remete a situações de *casualidade e/ou informalidade e/ou simplicidade*. O excerto (05) refere-se a um jantar simples, informal, sem maiores requintes. Já em (06), um homem pede a sua mulher que faça um café para uma servir aos amigos em um encontro, e (07) remete-nos a outra situação informal. O diminutivo parece acentuar a informalidade das interlocuções, despindo-as de qualquer resquício de formalidade, reforçando o caráter descontraído das relações entre os interlocutores.

Em interlocuções como as de (06) e (07), o uso de -(z)inho parece ter mais caráter de convencimento em relação à forma primitiva. Isso parece ser mais claro em (06), quando o marido pede à mulher para fazer um “cafezinho” ao invés de um “café”. Decerto, a construção derivada soa mais branda, carinhosa e “educada” aos ouvidos do interlocutor⁸. Desse modo, a probabilidade de a mulher acatar o pedido

8- Um estudo sobre a entonação poderia confirmar isso.
Saber Digital, v. 5, n. 1, p. 55-71, 2012

torna-se maior. No que se refere ao vocábulo *jantarzinho*, o falante parece sinalizar ao interlocutor modéstia e, talvez, sua isenção quanto ao jantar que será oferecido.

Os vocábulos *momentinho* e *minutinho*

(08) “–Um momentinho por favor - disse Maria” (**A Mentira**, p. 122)

(09) “–Atenção. Silêncio. Rodando!

– Vem, meu garanhão...

– Sua safadinha...

– Safadinha como você gosta. Vem!

– Minutinho.

– Corta! Aloísio...

– Eu sei, eu sei. Desculpe.

– Você não diz “minutinho”. Você tira as calças e deita. (**Sensitivas**, p. 187)

Longe de indicar diminuição de tamanho, os vocábulos grifados, vistos sob a ótica da semântica, designam “rapidez”, “ligeireza”. Os dois exemplos ilustram situações em que o falante se compromete com seu interlocutor a fazê-lo esperar um curto espaço de tempo.

Mais uma vez, o diminutivo é atualizado com vistas ao abrandamento de uma situação incômoda: a espera. Como para o falante essa noção é clara, ele faz uso da construção derivada para atuar como eufemismo para a desagradável situação na qual seu interlocutor terá de aguardar mais tempo que o previsto.

O vocábulo *direitinho*

(10) “–Velho parra...

–Deve fazer o quê?

–Vinte anos

–No mínimo

–Espera lá. Me lembro *direitinho* da última vez que vi você. Foi no Rond Point.” (Reencontro, p. 210)

Nesse exemplo, fica claro que o uso do afixo analisado diverge da sua acepção usual de redução de tamanho. O vocábulo *direitinho* passa-nos a ideia de que o locutor sabe exatamente o momento no qual ele e seu amigo se viram pela última vez. Temos, pois, mais um significado não observado pela tradição em seus compêndios: o de “exatidão”.

Sob a ótica pragmática, pode-se ressaltar que o diminutivo marca a proximidade entre os locutores. Basta reportarmo-nos à crônica para confirmar essa hipótese: os personagens do diálogo, na crônica, são amigos de muito tempo, pessoas muito próximas.

Os vocábulos *velhinho* e *baixinha*

(11) “–Más notícias?
– Meu pai. Morreu.
– Sinto muito.
– Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.”
(Lixo, p. 69)

(12) “Ele não precisa conquistar mais nada, é o único homem realizado do século.
Mas por enquanto Bob só olha para as paredes, de vez em quando diz, baixinho:
“O Chivas Regal dos uísques” (A Frase, p. 136)

Nesses contextos, vemos que os adjetivos findos por -inho são usados com valor superlativo, sendo que muitas vezes eles vêm acompanhados por advérbio que os enfatizam. Assim, a qualidade, já manifesta pelo adjetivo, é intensificada pelo uso do morfe diminutivo. Desse modo, em (11) o tópico da conversa é um senhor de idade, um homem muito velho. Note-se que a construção em causa reveste-se de afetividade em função do carinho que a filha tem por seu pai. Parece haver também no diminutivo uma força atenuadora, porquanto o locutor fala da morte seu pai e usa, portanto, o diminutivo para diminuir o impacto da perda. Em (12), Bob, ao falar, o faz de forma muito baixa. Esses exemplos destacam, assim, a força intensificadora das construções X-(z)inho.

O vocábulo *negocinho*

(13) “O Lopes é genial. Acha fósforo um negócio sensacional. Isqueiro ele não acha grande coisa. Só apertar um *negocinho* e pronto. Fósforo, não. Fósforo é adiantadíssimo.” (Gravações, pág. 311)

Curioso é o significado da palavra *negocinho* nesse contexto. Novamente, longe de indicar diminuição de tamanho ou intensidade, apresenta-se, em (13), um

significado inusitado: como designador de algo muito simples, fácil de se realizar. Dessa forma, quando Lopes usa a palavra *negocinho* para se referir ao isqueiro, ele quer dizer que o ato de acendê-lo é simples, fácil.

Interessante notar o acentuado caráter persuasivo da construção nesse exemplo. Ao destacar o isqueiro como algo fácil, simples de usar, reforça-se a tese segundo a qual o fósforo é sensacional, ao passo que o isqueiro, dado seu caráter simplista, não o é.

O vocábulo alizinho

(14) “Débora. O nome já é um atestado de saúde, com suas vogais explosivas. Ela tem dezenove anos e faz sensação na praia com seu corpão que o biquíni só tapa aqui e alizinho. Os seios transbordam. Com cada uma de suas pernas daria para fazer outra mulher e, e que mulher!” (**Emoções**, p. 140)

Inusitada a utilização do morfe diminutivo agregado, em (14), a um advérbio. Esse uso parece demonstrar admiração do narrador pelo objeto narrado. Nesse exemplo, a formação X-(z)inho guarda, de algum modo, a idéia de dimensão, já que o biquíni utilizado pela personagem Débora é, pela descrição, de proporções bem diminutas. No entanto, o uso do diminutivo parece revelar o impacto pragmático do referente (o biquíni) no enunciador, que se espanta e, ao mesmo tempo, se admira com as curvas da personagem. Observe-se o jogo entre -(z)inho e -ão nesse fragmento (corpão X alizinho).

Conclusão

As análises feitas permitem-nos tecer sucintamente algumas considerações preliminares acerca do uso de -(z)inho nas crônicas de Comédias da Vida Privada. No que concerne ao aspecto semântico, encontramos várias conotações que destoam das tradicionalmente arroladas. Dentre os significados encontrados, destacam-se os seguintes: “simplicidade”, “facilidade”, “exatidão”, “rapidez”, “casualidade”, “fragilidade/inocência”. Tais significados confirmam a ideia de que afixos de grau só podem ter seu significado precisado se se levar em conta sua estreita relação com o discurso.

No que concerne ao aspecto pragmático, o sufixo aqui analisado demonstrou ser um importante elemento persuasivo em situações nas quais o locutor desejava

convencer seu interlocutor a fazer/aceitar algo, mesmo em situações em que este estava certo. Para isso, o falante, muita vez, faz uso dessas construções de forma a explorar seu caráter eufemístico. Em vários textos colhidos, o diminutivo foi usado com a intenção de diminuir o impacto causado nas pessoas a quem se dirigiram os locutores. A esse respeito, lembremo-nos, oportunamente, das palavras de Azeredo (2008, p. 55): “O texto apresenta forma que convém à intenção de quem o enuncia e reúne as informações relevantes para essa intenção.” Portanto, as análises sugerem que o objeto deste estudo, para além de possuir um componente morfológico, possui também um componente pragmático que não deve ser desconsiderado.

Os compêndios gramaticais, no mais das vezes, mostram-se redutores com relação à abordagem acerca desse afixo de grau, porque apresentam uma rede de significações bastante reduzida para ele, além de não se aprofundarem nas peculiaridades sociopragmáticas envolvidas na seleção do diminutivo em situações de interlocução. A mesma observação vale para os livros didáticos, que deveriam priorizar a função discursiva de -(z)inho e, nesse sentido, explorar mais e melhor as peculiaridades semântico-pragmáticas desse afixo na abordagem do tópico “formação de palavras”. Ainda com relação à exploração didático-pedagógica, frise-se que as crônicas pesquisadas, em função de possuírem traços de informalidade e de exemplificarem situações quase reais de interlocução, podem ser um interessante objeto de ensino a ser usado em sala de aula para que o aluno se aperceba da expressividade da gradação nos contextos comunicativos em que aparece.

Dado o caráter sociopragmático da operação morfológica estudada, fica a sugestão de se examiná-la em um *corpus* de fala, a fim de que se verifiquem mais suas relações com o discurso, como, por exemplo, a possível função indexical (Gonçalves, 2005), pois, através do uso de algumas construções, podem-se identificar traços sociolinguísticos do falante, como faixa etária e sexo, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J.C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BASILIO, M. Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980. **Formação de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. Teoria Lexical. São Paulo, Ática, 2003.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CRESSOT, M. **O estilo e suas técnicas**. Lisboa: Edições 70, 1980.

CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Mec/Fename, 1975.

GUIRAUD, P. A estilística. São Paulo: Mestre Jou, 1970. **A semântica**. São Paulo: Difel, 1986.

GONÇALVES, C. A. **Flexão e derivação em português**. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

LAPA, M. R. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Fontes, M, 1982.

LOPES, B. S. **A dinamicidade lexical em textos de domínio político: ecos das eleições de 2010**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UERJ/ Faculdade de Letras, 2011.

MATTOSO C. J. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MARTINS, N.S. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

MONTEIRO, J. L. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991. 188p.

PIZA, M. T. **O continuum Flexão-Derivação em português e as categorias gênero, número e grau**. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2001.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 36ª ed. retocada e enriquecida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SACCONI, L.A. **Nossa gramática: teoria e prática**. 27ª ed. rev. e atual. São Paulo: Atual, 2001.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1988.

TERRA, E. **Curso prático de gramática**. São Paulo: Scipione, 2002.

VAZQUEZ, R.P. **A criação lexical via truncamento: uma análise do fenômeno no espanhol**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2008.

VERISSIMO, L.F. **Comédias da vida privada**: 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: L&PM, 1995.